

Detetive Siqueira em

O PANFLETO

DIONISIO
JACOB

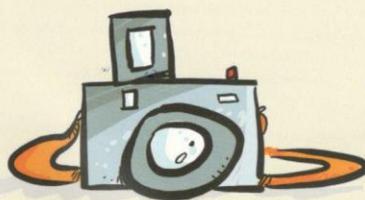


FTD

DIONISIO JACOB

Detetive Siqueira em

O PANFLETO



Ilustrações

GAVIÃO

1ª edição

FTD

São Paulo - 2010

FTD

Copyright © Dionisio Jacob, 2010
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP
CEP 01326-010 Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 — CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: <www.ftd.com.br>
E-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial Silmara Sapiense Vespasiano
Editora Ceciliany Alves
Editor assistente Luiz Gonzaga de Almeida
Assistente de produção Lilia Pires
Assistente editorial Tássia Regiane Silvestre de Oliveira
Preparadora Débora Andrade
Revisora Regina C. Barrozo
*Coordenador de
produção editorial* Caio Leandro Rios
Editora de arte Andréia Crema
Projeto gráfico e diagramação Sheila Moraes Ribeiro
Edição eletrônica
Gerente de pré-impressão Reginaldo Soares Damasceno

Dionisio Jacob já publicou novelas, romances e contos, além de escrever roteiros para programas de televisão. Em 2002, seu livro *A Utopia Burocrática de Máximo Modesto* recebeu Menção Honrosa no Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, ficando entre os três melhores romances do ano.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacob, Dionisio
Detetive Siqueira em O panfleto / Dionisio Jacob ;
ilustrações Galvão. — 1. ed. — São Paulo : FTD, 2010.

ISBN 978-85-322-7266-9

1. Contos — Literatura infantojuvenil I. Galvão.
II. Título.

10-01849

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

CAPÍTULO

1

.....4

CAPÍTULO

2

.....9

CAPÍTULO

3

.....14

CAPÍTULO

4

.....19

CAPÍTULO

5

.....26

CAPÍTULO

6

.....39

CAPÍTULO

7

.....44

CAPÍTULO

8

.....51

CAPÍTULO

9

.....63

CAPÍTULO

10

.....71

CAPÍTULO

11

.....81

CAPÍTULO

12

.....87

CAPÍTULO

13

.....97

CAPÍTULO

14

.....108



CAPÍTULO 1



Detective Jacob

Às oito horas da manhã, em ponto, o detetive Siqueira chegou ao seu escritório. Era um apartamento pequeno, situado no quarto andar de uma galeria comercial. Na verdade, só tinha um cômodo e mais o minúsculo banheiro. É que as coisas não andavam bem e ele teve de se mudar do antigo escritório, mais espaçoso. Já fazia um mês que alguém o havia chamado para solucionar um caso misterioso.

Sem saber o que fazer, o detetive Siqueira resolveu polir o vidro da porta, em que se encontrava a inscrição: "Detetive Siqueira, especialista em casos MUITO misteriosos". E tão entretido se encontrava em seu trabalho que não se deu conta de que um homem de meia-idade, meio gordinho, o observava com interesse.

— Hu-hum! — pigarreou o homem.

— Sim? — virou-se Siqueira sobressaltado.

— Detetive Siqueira?

— Eu mesmo.

— Vi seu anúncio no jornal e vim procurá-lo.

— Ah, sim? — respondeu o detetive, esforçando-se por parecer indiferente. Não queria dar a entender que estava feliz por ter afinal um cliente depois de bastante tempo.

— Por favor, queira entrar! Desculpe a bagunça. — o detetive introduziu o cliente no seu escritório apontando para o pequeno sofá de dois lugares. Depois foi sentar-se atrás da sua escrivaninha.

— Em que posso servi-lo, senhor...

— Nada de senhor. Pode me chamar de Jaime. Jaime Paladino.

— Jaime Paladino... Jaime Paladino... Conheço seu nome de algum lugar...

— Espero que sim. Eu sou escritor.

— Escritor! — Siqueira fez um olhar esgazeado de quem procurava se lembrar de alguma coisa. — Isso mesmo! Recordo-me agora de ver o seu nome numa livraria.

— Já deve fazer algum tempo.

— E o que o senhor deseja de mim?

— Já disse... Nada de senhor. Pode me chamar por você mesmo.

— Certo. Então vamos lá. O que *você* gostaria que eu investigasse?

O escritor parecia um tanto sem graça. Esfregou as mãos nervosamente.

— Bem, detetive, a bem da verdade, estou procurando por uma desaparecida.

— Ah, sim? — o detetive abriu seu bloco de anotações e passou a escrever. — E de quem se trata? Uma pessoa da família?

— Não... não realmente... Nem se trata de uma pessoa...

— Ah? Uma cadela de estimação?

— Não.

— Uma ave? — suspirou o detetive, antecipando mais uma investigação humilhante. Já havia sido chamado para encontrar uma cacatua desaparecida e acabou quase caindo de um telhado onde a ave se alojara.

— Também não é uma ave — respondeu Jaime.

O detetive olhou para seu cliente com ar intrigado. O que será que ele estava procurando que não era mulher, cadela, nem ave? O certo é que era algo feminino.

— Fale de uma vez, Jaime. O que você está procurando, afinal?

— Minha imaginação.

— Como?

— Eu sei que é embaraçoso. Mas ela... desapareceu!

Com um gesto lento, o detetive Siqueira fechou seu bloco de anotações. Deixou escapar um suspiro fundo, que poderia ser traduzido como "cada louco que me aparece". Mas, como era pessoa educada, apenas disse:

— Vá ver o senhor... quer dizer, *você* está estressado. Logo, logo a sua imaginação dá as caras de novo, toda sorridente.

— Eu também achava isso, sabe? Mas já faz muito tempo que ela desapareceu sem deixar vestígios. Sento todo

dia diante do computador e sabe o que me vem à cabeça?

— Não faço a menor ideia.

— Não faz mesmo, porque não vem nada. Ou melhor, vem um “branco”.

— Um branco?

— Sim! Um horrível branco... um branco do tamanho do mundo.

— Deve ser mesmo horrível! — concordou Siqueira, pensando em como fazer para se livrar daquele homem confuso. Como não queria ofendê-lo, disse:

— Meu amigo, eu creio que você não está precisando de um detetive e sim de um médico ou de um terapeuta.

— Ah! Pensa que já não fui num? Aliás, em vários! Em três, para ser mais exato.

— E nada?

— Nada. Minha imaginação continua desaparecida. Acontece que existem remédios para falta de memória, mas não para falta de imaginação. E uma terapia poderia durar anos. Você sabe... o prazo para eu entregar o livro já se esgotou.

— Mesmo assim... O que um humilde detetive pode fazer para que você encontre sua imaginação? Quer dizer... Nem sei por onde começar a procurar!

— Eu sei... eu sei... Meu pedido parece coisa de maluco. Mas acredite, detetive, sou um homem sensato, sabe? Isto é, tão sensato quanto pode ser um escritor. Mas estou desesperado. Não sei a quem recorrer. Se não encontrar a minha história, meu editor vai querer me matar. Estou atrasado. Nunca mais vou escrever outro livro.

Jaime disse essas palavras em pé, com uma expressão muito angustiada. O detetive percebeu que a coisa era grave.

— Tudo bem... tudo bem... Eu posso tentar ajudar.

— Obrigado, detetive... Obrigado do fundo do coração. Eu sei que você deve ser muito ocupado, com muitos casos para resolver...

— Não posso me queixar — o detetive respondeu, sem conter uma piscada involuntária num dos olhos.

— E então, quando começamos? — o tal Jaime parecia mesmo ansioso.

— Que tal amanhã?

— Para mim está ótimo. Neste mesmo horário?

— Humm... — o detetive fingiu que estava analisando sua agenda e, por fim, respondeu: — Claro, claro, pode ser, sim. Eu abro uma brechinha para o se... para você.

E fez um rabisco no local apropriado, fechando rapidamente a agenda, pois o escritor, levantando-se para falar com ele, poderia ver que não tinha coisa alguma marcada nela.

Os dois combinaram o preço por aquele trabalho. Depois o escritor Jaime Paladino esticou a mão para o detetive Siqueira, com um sorriso, e se foi.

Siqueira soltou outro suspiro fundo. “Fazer o quê?” pensou. “Pelo menos é um trabalho!”

De fato, para quem já havia quase quebrado o pescoço perseguindo uma cacatua, investigar o paradeiro de uma história pelo menos não devia ser perigoso. E, pensando assim, pôs o seu paletó e foi até a padaria tomar um pingado acompanhado de um pão com manteiga na chapa.

CAPÍTULO 2



No dia seguinte, na hora marcada, o escritor Jaime Paladino chegou ao escritório do detetive Siqueira.

“Bem... Pelo menos é pontual!”, pensou o detetive.

Na noite anterior, Siqueira havia considerado a possibilidade de desistir daquele trabalho. O que os outros detetives diriam dele? Iria ser motivo de piada na próxima convenção anual de detetives. Mas uma pequena ação, o proprietário do apartamento onde ele mora cobrando o aluguel atrasado, foi suficiente para Siqueira reconsiderar rapidamente sua decisão.

— Bom dia, Jaime. Podemos começar?

— Estou pronto! — o escritor respondeu, com ar esperançoso.

— Bem... como eu disse ontem, esta é uma investigação atípica. Nunca procurei por uma imaginação desaparecida. O que eu poderia fazer de concreto para lhe ajudar?

— O que eu pensei foi o seguinte: como você é um detetive, poderia me fazer perguntas. Assim, talvez eu possa ir criando o meu livro.

— Está bem! — Siqueira batucou o lápis na tampa da escrivadinha, os olhos procurando por um ponto de partida.

— O que é necessário para você escrever o livro?

— Uma história.

— Que, presumo, você não tem.

— Branco completo.

— E para começar uma história, o que você precisa?

— Bem... seria bom se a minha história tivesse um herói. Toda história tem um herói ou uma heroína.

— Com superpoderes?

— Não! — exclamou o escritor. — Um herói, só porque tem esse nome, não precisa ter poderes ou ser um valentão qualquer. Herói é o personagem principal da história. É com ele que as coisas acontecem. Ele passa por vários obstáculos e tem que superá-los... Por isso é um herói!

O escritor disse isso num tom entusiasmado, como se estivesse corrigindo o detetive. Ao que Siqueira, um tanto melindrado, respondeu:

— Desculpe, meu amigo. Eu sou um detetive. Eu não persigo heróis. Persigo bandidos.

“Ou cacatuas”, pensou consigo mesmo.

— Ah! Eu é que peço desculpas por ter me inflamado.

— Não precisa se desculpar. Então vamos começar por esse herói. Como ele seria?

Jaime Paladino levantou-se e passou a caminhar pelo

pequeno escritório, com passos curtos, circulares, as mãos para trás. Parecia fazer um grande esforço mental. Até que seu rosto se iluminou:

— Ah! Me veio um clarão. Meu herói é... é... um garoto.

— Um garoto? Quantos anos?

— Acho que uns onze... por aí.

— E como ele é?

— Tem um rosto esperto. Se bem que...

— Se bem que o quê?

— Não está sozinho. Não é um herói do tipo solitário.

— E quem está com ele?

— Outros garotos. Uma turma...

— Então temos um garoto e sua turma! — exclamou o detetive, anotando na sua caderneta. “Menino de uns onze anos, perdido”. Depois voltou a olhar para o escritor.

— E como seria esse menino? Você poderia descrevê-lo para mim?

— Ele está com uma roupa normal... calça *jeans*, camiseta cinza, com uma estampa colorida... um sol! Isso mesmo. E também usa tênis. Um cadarço está desamarrado e ele está tão apressado caminhando depressa, olhando para trás, preocupado...

— Preocupado com o quê?

— Não sei. Alguma coisa ou alguém talvez o esteja perseguindo. Sim... Eu sinto uma presença próxima... CAIU!

O escritor deu um grito que assustou Siqueira.

— O que caiu? — Siqueira alarmou-se, olhando para os lados, achando que alguma coisa tinha caído no escritório.

— O garoto! O garoto caiu! Ele tropeçou no cadarço solto e caiu no chão. Agora se levantou.

— E amarrou o tênis?

— Não!

— Por que não?

— Por que alguma coisa o persegue!

— Coisa? Que coisa?

— Um outro garoto, um grandalhão! E ele se aproximou! Desapareceu!

— Quem desapareceu? O garoto? — afligiu-se o detetive.

Jaime Paladino caiu prostrado no pequeno sofá.

— Perdi! Perdi o garoto. Ele se foi.

— Mas pense — insistiu Siqueira. — Tente ver aonde ele foi.

— Nada. O branco voltou. Sumiu tudo.

Depois disso, o escritor não conseguiu ter mais nenhuma ideia durante todo o tempo daquela reunião. E, como mostrava uma aparência inconsolável, o detetive resolveu animá-lo:

— Calma, Jaime, calma. Já foi um progresso. Você não tinha nada. Agora se recorda do menino. Pode ser o nosso herói.

Jaime sorriu, concordando.

— Você tem razão. Muito obrigado.

— Obrigado? Eu não fiz nada.

— Mas as suas perguntas ajudaram muito. Mesmo. Graças a elas eu estou na pista da minha história.

— Que bom que eu posso ser útil.

— Claro que pode. Continue perguntando.

— Por mim tudo bem.

— Mas eu tenho que ir a uma reunião na editora, para tentar prolongar o prazo de entrega da minha história. Vamos continuar amanhã?

— Combinado.

Jaime Paladino levantou-se.

— É, parece que eu começo a descobrir o meu herói — disse contente.

— Aproveite e veja se traz novas lembranças sobre ele amanhã. Qualquer detalhe é importante numa investigação

— Siqueira sugeriu.

— Pode deixar.

Quando o escritor saiu, Siqueira recostou-se na cadeira, pensativo. Que coisa mais maluca. Agora ele não conseguia tirar aquele menino da cabeça. Quem seria ele?

Nisso, o telefone tocou. Uma voz de mulher do outro lado:

— Detetive Siqueira? É a Clotilde.

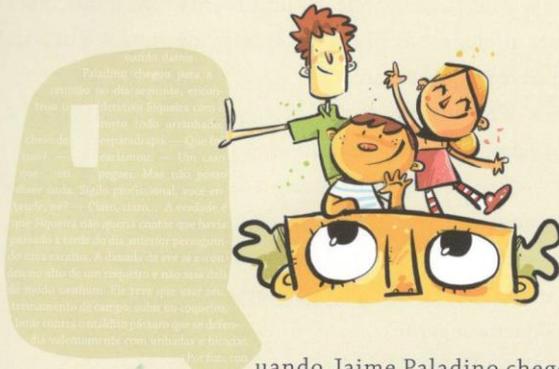
— Clotilde? Que Clotilde?

— A Clotilde da Doralice.

Siqueira ia dizendo “que Doralice?”, quando sua memória clareou: a cacatua!

— A Doralice, minha cacatua de estimação, o senhor não se lembra? Fugiu de novo!

Siqueira suspirou: lá ia ele novamente escalar telhados!



Quando Jaime Paladino chegou para a reunião no dia seguinte, encontrou o detetive Siqueira com o rosto todo arranhado, cheio de esparadrapo.

— Que foi isso? — exclamou.

— Um caso que eu peguei. Mas não posso dizer nada. Sigilo profissional, você entende, né?

— Claro, claro...

A verdade é que Siqueira não queria contar que havia passado a tarde do dia anterior perseguindo uma cacatua. A danada da ave se escondeu no alto de um coqueiro e não saía dali de modo nenhum. Ele teve que usar seu treinamento de campo, subir no coqueiro, lutar contra o maldito pássaro que se defendia valentemente com unhadas e bicadas. Por fim, conseguiu agarrar a bandida e devolver

para dona Clotilde. Pediu encarecidamente que ela tomasse conta melhor da sua ave de estimação.

De qualquer modo, Siqueira percebeu que Jaime o observava com respeito. Talvez estivesse pensando que ele tinha lutado com alguns bandidos perigosos. Preferiu deixar a coisa assim vaga, sem maiores explicações.

— E então, Jaime, mais alguma pista do nosso herói?

Jaime fez uma expressão desanimada:

— Pensei a noite toda nisso...

— E?

— Nada.

O detetive suspirou. O homem estava mesmo bloqueado.

— Bem — disse afinal. — Precisamos de mais dados sobre este menino.

— Que tipo de dados?

— Ora... Nome, onde mora, quem são seus amigos. Se soubermos isso, poderemos saber o que aconteceu com ele.

— Boa ideia — o escritor exclamou. — Vamos tentar fazer isso.

Um silêncio tomou conta da sala. Quase se podia ouvir o som de neurônios fritando. O detetive Siqueira, aflito, pois precisava mostrar trabalho, lembrou de uns meninos que moravam em seu prédio. Um deles bem poderia ser esse que o escritor lhe descreveu: um garoto de uns onze anos, que usava roupas parecidas com aquelas. Todo mundo no prédio o chamava de Tato. Ele tinha alguns amigos que sempre vinham conversar com o detetive.

— Acho que tenho algumas pistas que podem ajudar
— disse, por fim.

O escritor o fitou com olhos atentos:

— Pois então diga.

— Acho que esse menino de onze anos que você falou
poderia se chamar Tato.

— Tato?

— Um apelido.

— Gostei.

— Ele mora num prédio. Num prédio comum desses
que existem aos milhares em qualquer cidade grande.

— Vai em frente...

— Nesse prédio, ele pode ter vários amigos, claro.

— Com certeza.

— Por exemplo... um deles pode se chamar Pepe.

— Pepe?

— Pepe. Um menino menor que ele. Uns nove para dez
anos, vizinho de apartamento.

— Estou gostando. Como seria esse Pepe?

— Gordinho.

— Ah...

— Gosta de comer. Sempre que vai ao apartamento do
Tato, aguarda a hora de tomar lanche. Um menino esperto,
alegre. Piadista. Gosta de contar piadas. E tem uma grande
imaginação...

— Estou gostando muito desse Pepe.

— Os dois são muito ligados. Estão sempre juntos.

— Tato e Pepe.

— Tato e Pepe!

— E só? Ele tem mais amigos no prédio?

— Claro que tem... Tem uma garota também.

— Ah... Uma menina! Isso é bom! Como se chama?

— Daiane.

— Daiane?!?

— A mãe era fã daquela princesa inglesa. A *lady Di*.

— Muito bom. Gostei.

— É uma menina muito inteligente. Participativa. Tem a idade do Tato.

— Uma trinca.

— Isso. E tem mais um bando de amigos.

— Formidável! Formidável! Precisamos falar sobre eles! — o escritor disse por fim.

Siqueira passou um lenço na testa. Ele não havia feito nada demais além de falar sobre uns meninos que conhecia no seu prédio. E surtira efeito. Jaime agora caminhava de um lado para o outro, como costumava fazer quando se animava. Dentro da imaginação do escritor começava a nascer um grupo de adolescentes, com certas características.

— E então? — perguntou o detetive.

— Então o quê?

— Isso não ajuda você com sua história?

— Ajuda. Mas ainda é pouco. Pelo menos temos um bom ponto de partida — disse o escritor, mostrando um semblante bem mais aliviado do que quando havia chegado.

— O nosso herói tem um nome. E tem amigos, certo?

— Certo.

— Isso não é pouca coisa. Vamos continuar.

Assim, o detetive e o escritor passaram o resto da manhã falando sobre Tato e sua turma. Falaram sobre os outros amigos, seus nomes e gostos. Até sobre os pais deles eles conversaram. Também discutiram a respeito do prédio em que os meninos moravam. Siqueira descreveu seu próprio prédio, mas Jaime não concordou totalmente com a descrição. Deu seu palpite. Como também deu outros palpites sobre as crianças.

À noite, quando Siqueira voltou para seu apartamento e encontrou o Tato real e seus amigos conversando no pequeno salão de festas, percebeu que eles eram e não eram os personagens da história que o escritor estava perseguindo. Pois os personagens apesar de terem a aparência deles, já começavam a ter personalidade própria e a viver por si mesmos.

Antes de dormir, Siqueira ainda não os tinha tirado da cabeça. Anotou mais algumas ideias que poderiam ajudar na investigação.

Sonhou com o Tato.

CAPÍTULO 4



epois de alguns dias de investigação, o detetive Siqueira tinha anotado as seguintes observações em seu bloco:

“Tato, um garoto de onze anos, esperto, mora num pequeno edifício. Tem um grupo de amigos que também moram ali. Os principais são Pepe, um garoto gordinho, de nove para dez anos, muito falante e imaginoso, e Daiane, de onze para doze anos, com espírito de liderança. Os três estão sempre juntos. Mas também têm outros amigos: Felipe, da idade de Tato, um menino muito magro, que adora ciências; Haroldo, um garoto negro, de doze anos, que usa óculos; e, para completar o grupo, Jussara, uma japonesinha hiperativa, a caçula do grupo, com seus nove anos.”

Enquanto aguardava Jaime Paladino chegar para a nova sessão de investigação, Siqueira releu seus apontamentos

com cuidado. O curioso é que, agora, o Tato que ele tinha na cabeça já não possuía mais nada em comum com o Tato real. Mesmo a aparência tinha mudado, graças à intervenção do escritor. Aquele grupo de meninos existia na imaginação. Ele podia ver o rosto deles, o jeito de eles falarem. E era como se, de algum modo estranho, eles existissem de verdade.

Siqueira pensava se isso já não era o suficiente para despertar a imaginação perdida de Jaime. Afinal, não era pouca coisa. Ele tinha personagens, ora bolas... de que mais um escritor precisa?! Mas, quando a porta se abriu e seu cliente entrou com aquele ar desconsolado de sempre, soube que a investigação estava longe de terminar.

— Acho que minha imaginação pifou de vez! — Jaime disse, deixando o corpo desabar no pequeno sofá.

— Calma — respondeu Siqueira. — Já tivemos grandes progressos em poucos dias. Quando você entrou aqui, não tínhamos nada. Agora temos um bando de suspeitos... quer dizer, de personagens.

— Sim, mas e daí? O que eu faço com eles naquele prédio sem graça?

Siqueira notou que Jaime estava realmente estressado e resolveu fazer um chá, na sua chaleirinha. Enquanto punha a água para ferver, foi formulando a esmo algumas perguntas:

— Você me disse outro dia que um herói tem que superar obstáculos?

— Sim, uma história geralmente é assim: você tem um personagem com alguns problemas para resolver ou uma meta para atingir, e, entre ele e essa meta, surgem inevitavelmente obstáculos que o impedem de conseguir seu objetivo. Assim, a história se desenvolve: com o herói procurando superar esses obstáculos. Isso se chama conflito. É o conflito que joga o enredo da história para a frente. Sem ele, não teríamos nenhuma história para contar, entende?

— Muito bem — Siqueira disse, pensativo. — Então precisamos saber que conflito estava acontecendo naquele prédio.

— Aí é que está o problema — respondeu o escritor.

— Eu fiquei tão animado em conseguir arrumar uns personagens, que na hora achei tudo bom. Mas depois a coisa travou. O que poderia acontecer num prédio igual a tantos prédios? Nada. Aquelas crianças vão e voltam da escola, fazem lições, brincam, comem, vão dormir. O que pode haver de interessante nisso?

Siqueira sentiu-se um pouco ofendido. Afinal, a ideia havia sido dele, e o escritor tinha adorado antes. Resolveu defender sua criação.

— Ah! Claro que muitas coisas podem acontecer, mesmo num prediozinho sem graça como esse aí. Como detetive, eu já vi coisas incríveis acontecerem em lugares onde você não imaginava ser possível.

Siqueira tentou se recordar de um caso concreto para contar, mas só se lembrou do caso dos chinelos.

Um senhor, que morava num prédio próximo ao seu, o chamou para descobrir o paradeiro do seu par de chinelos. Eram chinelos que o tal senhor tinha há muitos e muitos anos e pelos quais tinha um especial apreço. Achava que os vizinhos tinham roubado só para chateá-lo. Siqueira investigou o prédio todo. No fim, descobriu que os chinelos tinham caído da janela, onde o senhor os havia colocado, e ficado presos na laje do outro andar.

Pensou melhor e resolveu não contar essa passagem, pois não havia nada de heroico nela. Ainda assim, prosseguiu com seu ponto de vista:

— O grupinho do Tato poderia estar enfrentando uma terrível dificuldade no próprio prédio.

— Mas que tipo de dificuldade poderia haver num prédio desse tipo? Só posso pensar num elevador quebrado — o escritor disse, com ironia.

— Sei lá. Eles poderiam ter um desafeto qualquer.

— Desafeto? Que tipo de desafeto?

— Alguém que não gostasse deles. Um vizinho... um...

— Outro garoto! — Jaime explodiu.

— Ou isso. Lembra que um garoto perseguia Tato a primeira vez que você o viu?

— Sim, sim... Na minha primeira visão do Tato, ele estava sendo perseguido por alguém, por um garoto mais velho...

Jaime passou a andar de um lado para o outro, como um leão preso numa jaula estreita. Seus olhos pareciam atravessar a parede e se fixar em algum ponto distante.

— Tiago! — disse por fim.

— Quem? — Siqueira espantou-se. De fato, Jaime falava e gesticulava ao mesmo tempo, procurando descrever o personagem que começou a se concretizar na sua imaginação:

— Tiago. Um garoto maior, de quinze para dezesseis anos. Grande. Taludão. Agressivo. Um menino que é encrenca pura. Vive em confusão na escola. Briga toda hora e com todo mundo.

— É ele aquele garoto que você viu perseguindo o Tato?
— Siqueira perguntou.

— Não sei... ainda... só o que sei é que... — Jaime falava com entusiasmo, como se estivesse vendo o personagem bem à sua frente. —... o Tiago controla o prédio.

— Controla o prédio? — alarmou-se Siqueira. — Como assim? Ele é uma espécie de síndico?

— Não, nada disso. É como... é como se o prédio fosse... fosse... território dele! E ele é líder de um pequeno grupo de meninos que o admiram e gostam de imitá-lo, todos menores do que ele, mas tão mal-encarados quanto ele. Andam de preto, fazendo cara de poucos amigos. Formam uma espécie de gangue.

— Já estou vendo — Siqueira sorriu. — Parecem encrenqueiros mesmo.

— Encrenqueiros? São terríveis! São mandões. Se acham. Na verdade, o Tiago está se aproveitando de uma circunstância feliz... quer dizer, feliz para ele...

— Que circunstância?

— Ora, como eu disse, ele está batendo na casa dos dezesseis anos. E, por uma coincidência, não existem garotos nem garotas da idade dele no prédio. Os mais velhos depois dele estão na casa dos onze, doze anos...

— Como a turma do Tato.

— Exatamente. E até mesmo como o pessoal do bando do Tiago. Veja bem: é uma diferença e tanto. Ainda mais nessa idade.

— Mas o que ele poderia fazer com o pessoal do grupinho do Tato?

— Ora, meu caro Siqueira, Tiago e seu bando mandam no prédio. Eles... eles controlam o território. Julgam-se no direito de impor regras no uso da quadra, por exemplo. Já pensou nisso? Enquanto para os adultos eles nada significam, para outras crianças e adolescentes menores, eles são... o terror!

Jaime Paladino disse essa última palavra com os olhos refletindo esse terror. E prosseguiu:

— Ameaçam os pequenos. Roubam lanches... Eles têm um... um... pedágio!

— Pedágio?

— Sim. Visualize a cena, Siqueira: a pequena Jussara vem para o pátio do prédio com um sanduíche na mão, um sanduíche que sua mãe lhe preparou com carinho. Depara com o bando de Tiago, que breca seu caminho. "Para passar por aqui tem que pagar pedágio!", Tiago diz, com seu jeito abrutalhado. "Mas eu não tenho dinheiro!" Jussara responde. "Pode deixar o sanduíche!", Tiago diz.

Jussara entrega o sanduíche ainda mal tocado. E sai chorando.

O escritor parecia fascinado.

— Você viu o que aconteceu aqui? — disse para Siqueira, com o olhar tão alarmado, que o detetive olhou para a chaleira, achando que a água tinha fervido.

— Aqui onde? — perguntou.

— Aqui, na nossa investigação. Nós tínhamos nosso herói. Agora descobrimos nosso vilão! Temos um conflito. Agora a coisa vai!

E despediu-se de Siqueira repentinamente, sem esperar pelo chá, nem pelo elevador. Foi saltando os degraus da escada de serviço de dois em dois, tão animado era seu estado de espírito.

A chaleira chiou no fogãozinho de duas bocas. Siqueira preparou uma xícara e passou a tomar com goles curtos e pensativos. De onde tinha surgido aquele terrível Tiago? Em que buraco da imaginação do escritor ele estava escondido, aguardando a hora de aparecer? É o que se perguntava, cheio de perplexidade.



Dionísio Jacob

26

o dia seguinte, Jaime Paladino não apareceu. E no outro também.

“Acho que agora ele já está sabendo o que fazer, não precisa mais da minha ajuda”, o detetive Siqueira pensou.

Um lado dele sentia-se feliz por ter colaborado com o escritor para superar o terrível branco. E por ter conseguido levar a cabo aquela investigação, por mais estranha que fosse. Entretanto, alguma coisa arranhava o fundo do seu peito. Talvez fosse porque aquele caso estava rendendo uma grani-nha razoável. E agora havia acabado.

Mas não, a questão não era somente dinheiro. Tinha algo mais. Siqueira queria saber o que iria acontecer com os amigos de Tato, como eles se comportariam em relação ao opressivo grupo de Tiago. Era como se ele tivesse perdido notícias de pessoas com quem tinha convivido nos últimos dias. Parecia

mesmo que ele conhecia aqueles meninos há bastante tempo.

Além da questão do dinheiro e da curiosidade, havia um sentimento estranho: ciúme. Siqueira sentia-se um tanto enciumado ao ver aquela história seguir seu rumo sem a sua presença. Afinal, ele havia sugerido muitas coisas, o próprio Tato surgiu de um garoto do seu prédio. Se não fosse por ele, Jaime Paladino ainda estaria sofrendo com o seu bloqueio criativo, o terrível branco. E, a partir de agora, todas aquelas criaturas estariam prosseguindo sua existência apenas na mente do escritor. Já não diziam respeito a ele, um detetive às voltas com o branco do cliente.

“Bem...”, o detetive soltou um suspiro, “agora é esperar o livro sair...”.

Enquanto pensava isso, porém, a porta se abriu e Jaime Paladino entrou com aquela expressão desanimada bem conhecida. Siqueira precisou reprimir um sorriso de alegria ao perceber que ainda estava no caso.

— E então? — exclamou. — A quantas andam nossos garotos?

— No mesmo lugar ainda! — Jaime respondeu. — Explorados de maneira mesquinha por Tiago e sua turma.

— Eles continuam roubando comida dos fracotes?

— Sim. E mais: obrigam os menores a fazer pequenos serviços para eles. Tomam conta da área de lazer do prédio. E andam sempre com roupas escuras.

— E a turma de Tato? Por que eles não reagem?

— Porque não é um pessoal de briga. São crianças pacíficas, tranquilas.

— E os pais deles? Não tomam providências?

— Bem... aí é que está o grande ponto. Esse Tiago não é bobo, muito menos burro. Ao contrário, é inteligente que só! Ele só faz esse tipo vilão quando está com os garotos do prédio. Mas é só um adulto aparecer e ele, zás!... muda.

— Muda? Muda como?

— Muda seu jeito de ser. Transforma-se na própria gentileza, na fina flor da educação. Todos os adultos do prédio acham que ele é um rapaz de bons modos. Ainda mais que seu pai é advogado, muito respeitado pelos outros pais, porque já auxiliou diversos deles quando consultado, dando dicas de como resolver pendências, essas coisas jurídicas.

— Queria ter alguém assim no meu prédio!

— Pois então. Já pensou? Uma pessoa solícita, respeitada naquela pequena comunidade.

Siqueira ouviu com atenção aquele relato. Suspirou. A coisa tinha realmente andado. Podia ver o rosto do Tiago: agressivo com as crianças, especialmente as menores, e sorridente com os adultos, falso, aproveitando-se do prestígio do pai. Sujeitinho intragável!

— Mas assim fica difícil pegar esse garoto, Jaime! — exclamou.

— Esse é o problema. O Tiago me veio inteirinho essa noite: um garoto problemático, de temperamento violento, que criou um verdadeiro império de terror no prédio, mandando e desmandando. Imagine você que outro dia ele aprontou para cima do pobre Pepe.

— Do Pepe? O que ele fez com o Pepe?

Siqueira não sabia bem o porquê, mas desde o começo teve uma simpatia especial pelo Pepe.

— Foi terrível. Terrível!

Jaime começou a descrever a cena. E enquanto fazia isso, não se continha: andava de um lado para o outro naquele minúsculo escritório, todo agitado. Falava imitando a voz dos personagens, fazia gestos, mímica. Era como se ele estivesse tentando entrar narrativa adentro. Siqueira acompanhou a descrição da cena, totalmente integrado nela, visualizando, como se entre eles dois, naquele espaço exíguo, passasse a haver outro espaço projetado: o espaço do prédio onde a história acontecia.

— Foi terrível... — prosseguiu Jaime, repetindo essa palavra várias vezes. — Eles cercaram o Pepe, que brincava com uma pequena máquina fotográfica digital, presente de aniversário. Arrancaram a máquina do menino. “Me devolve! É minha”, o pobre do menino chorava, as lágrimas escorrendo pelas bochechas coradas. É que há muito tempo o Pepe pedia aquele presente e como os pais dele estavam meio duros de grana, só agora tinham podido comprar.

— E o Tiago pegou a máquina?

— Pegou. Pegou a máquina enquanto outros do bando seguravam o Pepe. Então Tiago se aproximou balançando a máquina do modo provocativo, ameaçando atirá-la no chão, fazendo tudo para apavorar ainda mais o menino, que se desesperava, pedindo a ele para que não quebrasse a máquina, para devolver aquele presente esperado há tanto tempo. Aí, o Tiago disse: “E o que eu ganho com isso?”.

Pepe, com a voz toda tremida, respondeu: "O que você quer?". "O que eu quero?", Tiago então disse, dando um tapa ardido na orelha de Pepe, deixando-a vermelhinha. Depois olhou para seus companheiros de bando. "Eu queria ter participado da sua festa de aniversário... Mas não fui convidado...". "Nem eu!", um coro de vozes gritou.

— Festa de aniversário? O Pepe fez anos?

— Ah... eu não te contei?

— Não!

— Pois tinha feito aniversário. Dez anos. Teve festa e tudo. Foi quando ele ganhou a dita máquina. Pepe só convidou a sua turminha de sempre: Tato, Daiane, Felipe, Haroldo e Jussara. A mãe pediu para ele convidar o Tiago e os outros meninos, mas Pepe achou que eles iam bagunçar o aniversário.

— E pensou bem!

— Pois é. Mas aí ele caiu no "pedágio" da turma do Tiago.

— E como a coisa terminou?

— Bem, Tiago, com seu tamanhão, continuou a aterrozar o baixinho do Pepe, com ameaças. "Eu vou ficar com essa máquina uns dias, certo? Estou precisando tirar umas fotos lá no clube, você me empresta, não empresta?". Pepe, que não queria emprestar, porque não sabia onde aquilo ia terminar, nem se o bandido ia devolver ela inteira, gaguejou: "Mas você não tem uma?". "Sim, tenho. Mas esta é melhor. A imagem tem muito mais definição que a minha, que é antiga. Vou ficar com ela por uns dias, você não se importa, né?".

— Claro que o Pepe se importa! — indignou-se Siqueira. — Ele acabou de ganhar. Deve estar doido para usar...

— Claro. Ainda mais um presente tão esperado. Mas o que ele podia fazer? Tinha verdadeiro pavor daquele Tiago. Chegou mesmo a ter um pesadelo com ele, de tanto que o tal pegava no seu pé, com brincadeiras pesadas, tapas na orelha, tirações de sarro sobre o peso, o jeito de ele andar. E sempre com aquele bando mal-encarado!

— E o Tiago levou a máquina?

— Levou.

— Não pode ser, Jaime. Muda isso. É muito chato... Coitado do Pepe!

— Não posso, a coisa fugiu do meu controle. Esse Tiago, meu caro Siqueira, já ganhou vida própria!

— Bem... e daí?

— Daí que o Tiago pegou a máquina. E, para provocar, começou a fotografar na mesma hora seus amigos, que faziam poses provocativas, tirando sarro. Aí se foram...

— E como o Pepe contou isso para os pais?

— Ele não contou! Ele sabia que se contasse, e os pais fossem falar com o Tiago, ele ia dizer que não tinha feito aquilo! E com aquele jeito de jovem responsável, que fala bem e tudo. Depois, o pai do Tiago tinha ajudado os pais do Pepe, com uma questão de contrato de uma compra que eles fizeram, de modo que tudo que os pais do Pepe não queriam era contrariar o gentil advogado.

— Puxa... mas e aí?

— Aí que o Pepe pensou em dizer que tinha emprestado a máquina para o Tiago. Mas ia ficar estranho emprestar uma coisa que ele pediu tanto para ganhar e logo assim de cara. Então o Pepe resolveu não falar nada. Evitava os pais, ficava trancado no quarto. E, quando os pais perguntavam da máquina, dizia que estava guardadinha... Foi um sufoco que durou mais de uma semana, pois nada de o Tiago devolver a máquina.

— E como a coisa se resolveu?

— Foi assim. Um dia, o Pepe estava saindo do elevador, acompanhado dos pais, quando o Tiago apareceu com a máquina, todo sorridente, todo solícito e entregou para o Pepe dizendo: "Não é sua? Achei atrás da quadra." E se foi. Agora imagine a reação dos pais do Pepe! "É assim que você cuida do presente?!" O coitado levou bronca de tudo quanto foi jeito. E ficou sem a máquina por um tempo, como castigo. E ele também ficou de castigo um dia inteiro. Ainda teve que ouvir que, se não fosse pelo Tiago, aquela máquina podia ter se perdido para sempre.

— Mas isso não pode ser...

— Mas é. Esse é o clima que o Tiago criou no prédio...

Siqueira sorriu tristemente, imaginando o Pepe trancado em seu quarto, castigado por algo que não fez, humilhado. Queria saber mais, queria saber qual tinha sido a reação dos amigos de Pepe. Perguntou, mas não conseguiu tirar muita coisa do escritor. Parece que o cérebro dele estava sobrevoando novamente aquela zona de branco, como um avião que entra no meio de uma nuvem grande.

— Essa é a situação, então? — perguntou Siqueira.

— Assim estão as coisas. E como Tato e seus amigos podem enfrentar esse Tiago? Confesso que não sei. O cara é danado de escorregadio!

— Bem — o detetive disse —, eles precisariam se unir.

— Pensei nisso. E vi a turma do Tato se reunindo no apartamento dele, para tomar alguma providência. E a cabeça deles parece a minha, não surge nada.

O detetive lembrou-se do que o escritor havia dito sobre a caminhada do herói superando obstáculos. Esse era o primeiro obstáculo, e parecia que não tinha como ser transposto. Tiago tiraniza as crianças do prédio e mantém todos sob o seu jugo, com a ajuda do pequeno bando que ele comanda. Faz um jogo duplo e usa o prestígio do pai. Quando alguém o acusa de alguma coisa para o pai ou a mãe, logo escutam: “Quem, o Tiago? Não acredito, aquele menino é muito educado. Sempre abre a porta do elevador quando eu chego com sacola do mercadinho...”

— É... esse Tiago faz um jogo duplo mesmo.

— E sabe o que eles aprontaram outro dia? — Jaime disse com a maior naturalidade, como se a coisa tivesse se passado mesmo no seu prédio. Na verdade, aquilo tinha surgido em sua imaginação naquele momento mesmo. Siqueira olhou para ele cheio de curiosidade, aguardando o relato, que veio como num jorro. — Amarraram o Felipe!

— Amarraram como?

— Com umas cordas que um deles tinha. Sabe essas cordas de nylon, bem resistentes? Então. Foi assim... O Tiago